

O jantar de aniversário

Era uma noite típica do final do período de seca em Brasília. Janelas abertas, brisa agradável, cigarras que cantam anunciando o breve início das chuvas e todo aquele silêncio noturno das quadras residenciais. Apenas alguns carros estacionando e poucas pessoas caminhando entre os prédios.

Marlene estava agitada, verificando todos os detalhes para receber os convidados, amigos e colegas de trabalho, e ainda precisava de um tempinho para se pôr bonita, cheirosa e arrumada. Finalmente, de acordo com sua “check-list”, tudo parecia estar nos devidos lugares, quando a campainha tocou. Apesar de ainda não estar pronta, Marlene atendeu a porta.

- Olá, meu querido. Entre e fique à vontade.

- Cheguei muito cedo, não é verdade? Desculpe-me, mas fiquei retido lá no trabalho e preferi vir direto. Por favor, não se prenda por mim.

- Não mesmo. Você está em casa. Fique completamente à vontade, que vou apenas acabar de me arrumar um pouquinho e já retorno.

Marlene entrou para o quarto e foi tomar um banho, se trocar para poder receber os convidados. Enquanto isso, Waldir ficou por ali, andando pela ampla sala, admirando a decoração despojada e elegante, ouvindo uma boa música e aproveitando a calma da espera no salão vazio. Reparou na iluminação indireta, nos quadros abstratos e nos elementos de decoração, que combinavam plantas e materiais naturais, tudo bastante equilibrado.

Resolveu sentar, escolheu um canto confortável do sofá e deixou-se cair preguiçosamente. Foi quando escutou um barulho seco e surdo – “croc” -, assustou-se, levantou-se, virou-se para o sofá e começou a procurar para identificar o que teria acontecido. Lá no cantinho, exatamente onde havia escolhido sentar, havia uma pequenina bola de pêlos marrons. Waldir olhou, olhou e a bolinha não se mexia. Não podia acreditar no que estava acontecendo.

- Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Pegou o bichinho com as mãos, desconfiado, viu que era um pequeno cãozinho chihuahua, que já não respirava. Fora assassinado pelo peso de sua bunda, que lhe havia quebrado o pescoço. E agora?

Olhou para um lado, olhou para o outro, não havia ninguém. Graças a Deus! Começou a suar frio. Como? – pensou. Na seca, ninguém sua. Mas estava suando. Sentiu uma reviravolta na barriga e uma terrível sensação de enjôo. Correu até o janelão, que estava completamente aberto, e rapidamente descartou a pequena vítima inerte do quinto andar.

Não conseguiu mais sentar. Andava de um lado para o outro, já não conseguia ouvir a música, não teve coragem de se servir de nenhum drinque, a única coisa que desejava era sair dali correndo. Mas era preciso ter “sangue frio de assassino” neste momento. Contou até dez, lentamente. Sentou-se. Aguardaria o que fosse preciso e inventaria uma desculpa qualquer para ir logo embora.

Passados uns trinta minutos, a amiga aniversariante chegou à sala. Estava linda, elegante, sem exageros. Usava um vestido longo estampado, predominando o vermelho, que combinava completamente com os cabelos longos e negros, e a pele aveludada e clara. Usava sandálias baixas, para que os convidados se sentissem à

vontade, num ambiente descontraído. Chegou à sala contente por finalmente poder conversar um pouco com o colega de trabalho que, pela primeira vez, vinha à sua casa.

- Desculpe a demora, mas você sabe como são as mulheres

- Não se preocupe. Fiquei muito confortável por aqui, desfrutando de sua bonita casa e ouvindo música de primeira qualidade. Você está linda!

Waldir estava impressionado com sua própria capacidade de esconder emoções. Nunca se imaginou tão cínico. Tratou logo de continuar com o plano, que havia arquitetado durante a espera.

- Na verdade, Marlene, cheguei um pouco antes, porque não poderia deixar de lhe dar um abraço neste dia, mas não vou poder ficar. Minha mulher fez uma pequena cirurgia e está hospitalizada. Vou daqui direto para lá e, se chegar depois das dez horas, não poderei entrar. Desejo a você tudo de bom e que seu jantar seja um sucesso, o que tenho certeza que irá acontecer.

- Lamento sua saída, mas compreendo os motivos. Amanhã lhe conto os detalhes da festa. Muito obrigada por ter vindo até aqui.

Waldir saiu aliviado. Passou por uma prova de fogo como nunca sonhou. Logo ele, tão calmo, tão introvertido, tão educado e – pior! – adorava animais.

“Tudo bem, passou, página virada. Vamos esquecer.” – pensou.

No dia seguinte, o pessoal do trabalho chegou mais tarde do que o de costume. Ressaca da festa da Marlene. Todos chegavam comentando as virtudes da festa: os drinques maravilhosos, os canapés finíssimos, o jantar impecável e a alegria de Marlene em receber os amigos. Foi tudo de bom.

Waldir ouvia atento e silencioso, tentando saber se alguém teria algum comentário que pudesse ter ligação com o seu segredo. Nada. Ótimo.

Passado algum tempo, chegou a amiga e anfitriã aniversariante Marlene. Agradeceu a todos pela presença e alegria. Depois, discretamente, chamou o Waldir num canto. De novo, ele sentiu a mesma sensação esquisita do suor frio e da reviravolta na barriga.

- Querido amigo, você não imagina o que aconteceu depois que você saiu! A festa foi uma beleza e ficou tão animada, com todo mundo bebendo, falando e dançando, que o meu cachorrinho ficou estressado e pulou do janelão. O pior é que ninguém viu, nem mesmo eu percebi. Somente hoje cedo o porteiro veio me avisar que o bichinho estava morto no jardim do prédio e já completamente rígido, coitadinho...

Waldir abraçou Marlene e disse:

- Sabe de uma coisa? Ainda bem que você soube disso somente hoje, pois, assim, não estragou sua festa. Qual era mesmo a raça dele?

- Chihuahua.

- Ah, sei, aquele cachorrinho mexicano.

Pensou com seus botões: “não se preocupe, hoje mesmo vou levar um igual para você.”

Waldir nem conseguiu trabalhar. O mínimo que poderia fazer era repor a perda da amiga. Inventou um compromisso bancário e saiu de canil em canil até encontrar um cachorrinho parecido com o falecido. Mandou colocar numa linda cesta forrada de papel de presente e um laço de fita de seda e juntou um cartãozinho: “Para a querida Marlene, um novo fiel companheiro, que, apesar de muito amigo, não aceita dividir o

espaço com outros convidados. Quando for receber, me avise, pois faço questão de hospedá-lo. Abraços, Waldir.”

Marlene ficou completamente emocionada com tanta atenção do colega, que, afinal, nem pôde aproveitar a festa.

Por Maria Clara Rillos Mendes